



**O USO DA DESCRIÇÃO NARRATIVA NA ARGUMENTAÇÃO  
DOCTRINÁRIA RELIGIOSA: A QUESTÃO DA "BIOGRAFIA" EM  
PERSONAGENS BÍBLICOS-NOVO TESTAMENTO, DE ALEXANDER  
WHITE**

***THE USE OF NARRATIVE DESCRIPTION IN RELIGIOUS DOCTRINAL  
ARGUMENTATION: THE ISSUE OF "BIOGRAPHY" IN "BIBLE  
CHARACTERS-NEW TESTAMENT", BY ALEXANDER WHITE***

JOÃO VITOR FERREIRA RIVELLI  
<https://orcid.org/0000-0002-2619-905X>  
Mestrando em Letras pela UFV  
[joao.v.rivelli@ufv.br](mailto:joao.v.rivelli@ufv.br)

RONY PETTERSON GOMES DO VALE  
<https://orcid.org/0000-0002-0123-9828>  
Doutor em Linguística pela UFMG  
Professor Adjunto da UFV  
[ronyvale@ufv.br](mailto:ronyvale@ufv.br)

**RESUMO**

Os capítulos do livro "Personagens Bíblicos-Novo Testamento", de Alexander White, foram classificados como "biografias" pelos editores, em tradução recente para o português, o que sugere um foco narrativo. Contudo, a estrutura de cada capítulo demonstra que as narrações se inserem numa lógica argumentativa e retórica. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar a análise da(s) função(ões) discursiva(s) do procedimento argumentativo de descrição narrativa nessa obra. Utilizamos como método uma análise retórica prévia – com reflexões teóricas de Barthes (1975), Perelman (2005) e Reboul (2004) –, seguida de uma análise discursiva baseada nos modos de organização enunciativo e argumentativo da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2019). Essa abordagem permitiu concluir que White (2021) utiliza uma narração subjetiva como argumento na defesa de valores atrelados às concepções protestantes e cria um *ethos* de autoridade, para sugerir uma autenticidade em suas narrativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Narração Subjetiva; Protestantismo.

**ABSTRACT**

The chapters of Alexander White's book, "Bible Characters-New Testament", have been labeled as "biographies" by the editors in its recent Portuguese translation, suggesting a narrative focus. However, the structure of each chapter demonstrates that the narratives fit within an argumentative and rhetorical logic. Thus, the article aim is to analyze the discursive function(s) of the argumentative procedure of narrative description in this work. Weemply a method that begins with a rhetorical analysis – drawing on the theoretical reflections of Barthes

(1975), Perelman (2005), and Reboul (2004) – followed by a discursive analysis based on the enunciative and argumentative organization modes of Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory (2019). This approach allows us to conclude that White (2021) uses subjective narration as an argument in defending values tied to Protestant conceptions and to establish an ethos of authority to suggest authenticity in his narratives.

**KEYWORDS:** Discourse analysis; Subjective Narration; Protestantism.

## INTRODUÇÃO

O autor protestante "Alexander White", que escreveu o livro *Personagens Bíblicos- Novo Testamento*, viveu entre os séculos XIX e XX, na Escócia. Ele foi um teólogo e ministro presbiteriano, encarregado da mais influente congregação da Igreja Livre, que possuía mais de 1000 membros. Com ideias ecumênicas, White foi membro da União Social de Edimburgo. Além do pastorado, ele se dedicou a educação e foi professor de literatura do Novo Testamento no New College, de Edimburgo, e escreveu diversos livros relacionados ao estudo bíblico, que repercutem até os dias de hoje. (KIBUUKA, 2021)

O livro *Personagens Bíblicos- Novo Testamento*, publicado originalmente no final do século XIX, foi traduzido recentemente para o português e seus editores caracterizaram as divisões no texto a partir da expressão "biografias de personagens bíblicos". Embora a biografia pode ser definida como uma “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem [...] em ordem cronológica ou não”, pautada em critérios de verdade ou, para o caso de personagens, de verossimilhança (COSTA, 2008, p. 45-46; 51), em *Personagens Bíblicos*, do ponto de vista da análise do discurso, observamos problemas em utilizar o termo "biografia". Primeiramente, porque a narração dos personagens bíblicos apresenta marcas de subjetivismo, o que dificulta na percepção de verdade/verossimilhança; o autor utiliza amplamente a imaginação para recontar a história da Bíblia. Em segundo lugar, há um foco argumentativo, em prol de ideias doutrinárias, que sobrepõe o propósito de apenas narrar a história dos personagens.

O modo argumentativo, segundo Charaudeau (2019), utiliza de procedimentos discursivos de outros modos de organização do discurso para gerar efeitos de persuasão. Nesse sentido, uma descrição narrativa, por exemplo, pode gerar um efeito de exemplificação, com a função de produzir uma prova ou reforçar alguma já existente. Não obstante, cabe ressaltar que uma construção argumentativa é dividida em etapas, sendo a construção de provas – ou "inferências", ou "argumentos" – uma das partes desse processo.

Desse modo, o foco desse artigo é analisar discursivamente as "biografias" de *Personagens Bíblicos*, descrevendo a estrutura argumentativa e examinando como os

procedimentos de descrição e narração são utilizados discursivamente como elementos de argumentação doutrinária religiosa. Inicialmente, faremos uma contextualização, sintetizando os princípios da doutrina protestante e sua relação com duas vertentes religiosas mais recentes: o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Em seguida, explicaremos nossos pressupostos teórico-metodológicos. Serão realizadas análises retórica, enunciativa e argumentativa. A análise retórica será fundamentada teoricamente pelos seguintes autores: Barthes (1975), Perelman (2005) e Reboul (2004). Já a análise enunciativa e argumentativa será baseada na Análise Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2019).

### **Da doutrina protestante ao pentecostalismo**

Os valores que White propaga em *Personagens Bíblicos* são ligados, em sua maioria, ao movimento protestante. Ele cita outros autores da doutrina, além de divulgar sua própria igreja: "Igreja Livre da Escócia", de denominação presbiteriana. Tanto Calvino (presbiterianismo) quanto Lutero – que apresentam visões diferentes dentro do protestantismo – são citados e elogiados por White.

Sintetizando as concepções apresentadas por Mendonça (1990), o protestantismo tradicionalmente se difere de outras vertentes por falar da salvação enquanto dom gratuito (através da fé), da autoridade da escritura bíblica (sem adicionar outros líderes espirituais e texto) e da individualidade religiosa (liberdade de interpretação das escrituras, sem necessidade de intermédio de outras figuras). Tais valores têm influência até os dias de hoje, visto que há outros movimentos religiosos ligados ao protestantismo, como o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Tal fato demonstra como o conflito representado em *Personagens Bíblicos-Novo Testamento* pode influenciar debates atuais que envolvem questões morais.

O pentecostalismo é uma ramificação do protestantismo que enfatiza a experiência direta do Espírito Santo, enquanto o neopentecostalismo é uma extensão posterior do pentecostalismo, com ênfase adicional na teologia da prosperidade e em práticas de batalha espiritual (MARIANO, 2014, p.26;36). No Brasil, a divisão entre as ondas pentecostais possui algumas particularidades. Mariano (2014) apresenta três ondas do pentecostalismo brasileiro, que foram influenciadas pelo cenário internacional (principalmente pelas igrejas norte-americanas): pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.

De acordo com Mariano (2014), a primeira onda do pentecostalismo no Brasil – pentecostalismo clássico – predomina entre os anos 1910 e 1950, com a Congregação Cristã no Brasil (São Paulo, 1910) e a Assembleia de Deus (Belém, 1911), e é caracterizada “por um

ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom das línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca” (MARIANO, 2014, p.29). O chamado “deuteropentecostalismo” ocorre a partir dos anos 50, com a igreja do Evangelho Quadrangular, que teve como novidade “o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina” (MARIANO, 2014, p.30). Por fim, a terceira onda, chamada de “neopentecostalismo”, teve início no final dos anos 70, com igrejas como a Universal do Reino de Deus (Rio, 1977) e a Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e, segundo Mariano (2014, p.36) “as igrejas da terceira onda enfatizam a libertação dos demônios”.

Mariano (2014) enfatiza a diversidade de concepções dentro de cada uma dessas vertentes. Há igrejas que seguem preceitos mais tradicionais do protestantismo, como neste exemplo: “Miguel Ângelo, apóstolo, profeta, televangelista e fundador da Cristo Vive, ainda mais polêmico, defende a doutrina calvinista da predestinação, opõe-se ao batismo nas águas, à guerra espiritual e à prática de jejum e vigília” (MARIANO, 2014, p.38). Tais concepções estão diretamente relacionadas com a concepção protestante de White, visto que a oposição ao batismo nas águas também aparece em sua obra: “toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente crer no que é chamado de ‘regeneração pelo batismo’” (White, 2021, p.36). Desse modo, a concepção protestante em *Personagens Bíblicos*, de A. White, expressa a partir de uma estrutura argumentativa, pode ajudar a reforçar ideias pentecostais e neopentecostais ao destacar experiências espirituais pessoais, interpretações carismáticas e exemplos de bênçãos materiais encontrados na narrativa bíblica.

A tradução recente (2021) de *Personagens Bíblicos* para o português ocorre em um contexto de crescimento de igrejas pentecostais e neopentecostais ao longo das últimas décadas. Acrescenta-se a isso o fato de que líderes religiosos dessas vertentes protestantes têm, cada vez mais, se inserido na vida política, promovendo debates conflituosos com pautas morais. Desse modo, compreender os processos retóricos e argumentativos utilizados em *Personagens Bíblicos-Novo Testamento* pode ajudar a deixar mais explícito o modo como esse discurso busca influenciar os valores de seus leitores e a maneira que a narração é utilizada para esse propósito.

## **RETÓRICA, ANÁLISE DO DISCURSO E SEMIOLINGUÍSTICA**

### **Retórica**

A retórica, enquanto técnica, serviu de base teórica para a construção de discursos convincentes por milênios. Segundo Barthes (1975, p.5) "A retórica [...] é essa metalinguagem

(cuja linguagem-objeto foi o 'discurso') que reinou no Ocidente do século V a.C até o século XIX d.C". Ao longo desses anos, ela foi explicada e reformulada por diferentes autores, de modo que, para analisar um discurso do ponto de vista retórico, é necessário entender os diferentes contextos de sua utilização.

O propósito de utilizar, previamente, a retórica na análise de *Personagens Bíblicos* é a compreensão de que tal técnica é frequentemente utilizada por líderes religiosos. White se encontra nessa posição, e leituras preliminares de sua obra demonstram que a disposição do texto é marcada por essas técnicas, ainda que elas sejam focadas na oratória. De acordo com Reboul (2004, p.77):

É verdade que grande número de pais da Igreja rejeitam os autores pagãos, como inúteis e perigosos, mas admitem a língua e a retórica dos pagãos (cf. Marrou, 460s.). Por quê? Por duas razões. / A primeira é que a igreja, em seu papel missionário e em suas polêmicas, não podia prescindir a retórica, muito menos da língua (grega ou latina). Não podia deixar esses meios de persuasão e de comunicação em mãos de adversários [...] A segunda razão é que a Bíblia é profundamente retórica.

Reboul (2004) se propõe a explicar as subdivisões características dessa técnica, trazendo um panorama geral do conjunto de regras que a compõem. De acordo com o autor, em suas diferentes acepções, a retórica é subdividida em quatro partes: a invenção (*heurésis*), a disposição (*táxis*), a elocução (*lexis*) e a ação (*hypocrisis*). A ação orienta a fala (efeitos de voz, gestos) e, por isso, não será considerada na análise.

A invenção diz respeito ao tipo de discurso, que se divide nos gêneros judiciário, deliberativo e epidíctico. Eles se distinguem com relação ao auditório, ao tempo que se referem, ao ato que executam para defender diferentes tipos de valores e ao tipo de argumento utilizado. No judiciário, o auditório é especializado (juízes), os fatos julgados são do passado, o ato é o de acusar/defender valores que sejam justos/injustos e o tipo argumento é o entimema (dedutivo). Já o deliberativo se dirige a um público mais móvel (assembleia), referindo-se ao futuro, aconselhando/ desaconselhando quanto a valores úteis/nocivos e o tipo de argumento é o exemplo (indutivo). Por fim, o epidíctico é voltado ao espectador, referindo-se ao presente e atua louvando/censurando quanto ao nobre/vil; o tipo de argumento é de amplificação (o orador atribui valores a fatos conhecidos pelo público).

A disposição da retórica clássica é composta por quatro etapas principais: exórdio, narração, confirmação e peroração. O exórdio é a introdução do discurso, onde o orador busca captar a atenção do público e estabelecer sua credibilidade. A narração apresenta os fatos e o contexto da argumentação, fornecendo uma base detalhada sobre o tema em questão. A

confirmação é a parte central, onde o orador expõe seus argumentos e evidências, fortalecendo sua posição e refutando possíveis objeções. Finalmente, a peroração é a conclusão do discurso, onde se recapitula os pontos principais e se faz um apelo emocional ao público.

Na elocução, o foco é a língua e o estilo, podendo este ser dividido em três gêneros: nobre, simples e ameno. Eles têm, respectivamente, o objetivo de comover explicar e agradar. No primeiro, se utiliza o *pathos* e é utilizado principalmente na peroração. No segundo, o *logos*, localizado na narração e na confirmação. Enfim, no ameno se utiliza o *ethos*, focado no exórdio.

Assim, a retórica propõe um conjunto de regras que objetiva auxiliar na construção de um discurso convincente. Entender a utilização de tais procedimentos em *Personagens Bíblicos* auxilia na visualização dos efeitos de persuasão produzidos pelo autor no campo argumentativo. Desse modo, faremos essa avaliação antes de aplicar a teoria semiolinguística.

### **Análise do discurso e teoria semiolinguística**

Utilizaremos a abordagem de Charaudeau (2019) da teoria semiolinguística para fazer a análise discursiva de *Personagens Bíblicos-Novo Testamento*. Nessa teoria, os atos de fala são vistos a partir de um contexto, em que participam um emissor em um receptor, dentro de uma encenação discursiva. Ou seja, há uma dupla identidade nos participantes do ato de fala, já que são vistos como seres psicológicos e sociais e, portanto, há o ser real e externo ao ato de fala e o ser fabricado.

Desse modo, o emissor está submetido a um contrato comunicacional com seu receptor, que atribui a cada um deles um papel languageiro. Além disso, ele dispõe de estratégias discursivas que podem ser limitadas por restrições do espaço em que se encontra. As estratégias são escolhas que o indivíduo faz dentro da encenação comunicativa e podem ser organizadas em algumas categorias.

Charaudeau (2019) denomina tais estratégias como “modos de organização do discurso”. São quatro modos: o modo de organização enunciativo, que diz respeito aos protagonistas do ato de linguagem, indicando a posição que o enunciador ocupa na situação de comunicação; o modo de organização descritivo, onde o enunciador identifica, localiza e qualifica os seres; o modo de organização narrativo, que organiza um mundo numa sequência de ações que influenciam umas às outras; o modo de organização argumentativo, que tem finalidade persuasiva e objetiva levar o interlocutor a partilhar determinado ponto de vista.

Diante dos modos apresentados, ressaltamos que, no modo argumentativo, Charaudeau demonstra que é possível utilizar procedimentos discursivos característicos dos outros modos,

como, por exemplo, a "Descrição narrativa". Ao analisar, notamos que a narração que aparece em *Personagens Bíblicos* se insere dentro de um quadro argumentativo. Assim, este será o foco da nossa análise: passando primeiro pelo modo enunciativo, que define previamente o comportamento dos participantes do ato de fala e, posteriormente, para o argumentativo.

### **Modo enunciativo**

De acordo com Charaudeau (2019), o modo enunciativo está relacionado a como o sujeito se porta na encenação de comunicação. Assim, enunciar está ligado ao posicionamento do sujeito falante em sua relação com o interlocutor e em relação ao que é dito. Dependendo da maneira como ele se porta, é possível categorizar esse modo em três tipos de comportamento: Alocutivo, Elocutivo e Delocutivo.

No comportamento Alocutivo o sujeito de fala busca estabelecer uma relação de influência com o interlocutor e atribui a ele e a si mesmo papéis languageiros. Já no comportamento elocutivo há a expressão de um ponto de vista, que pode ser especificado como modo de saber, avaliação, motivação, engajamento ou decisão. Por fim, no comportamento delocutivo o sujeito de fala assume um ponto de vista externo, de testemunha, e pode se referir a um texto ou algo do mundo sem que se insira nesse relato. Em síntese, no Alocutivo há uma relação de influência com um interlocutor, no elocutivo se trata da relação do locutor consigo mesmo ao expressar um ponto de vista e, no delocutivo, se apaga o ponto de vista: é a relação do locutor com um terceiro.

Assim, com a análise enunciativa, percebemos a relação que o autor estabelece com o seu interlocutor ao longo das "biografias" e de que modo essas diferentes posturas enunciativas podem causar um efeito de persuasão. Através da análise discursiva, percebemos, por exemplo, que o autor intercala passagens bíblicas com momentos de imaginação e opinião pessoal a respeito dos personagens bíblicos. Desse modo, ele varia entre uma postura delocutiva – assumindo um ponto de vista externo – com a postura elocutiva – acrescentando suas próprias impressões à história –, causando, portanto, uma aparência de objetividade ao seu posicionamento.

Desse modo, os posicionamentos do locutor são classificações prévias aos outros modos de organização do discurso. A partir da definição do comportamento dos participantes do ato de fala se identificam diferentes relações enunciativas utilizadas em uma encenação discursiva. Por isso, analisaremos primeiro o modo enunciativo e, posteriormente, o argumentativo.

### **Modo argumentativo**

Charaudeau (2019, p.206) define alguns objetivos essenciais em uma argumentação: a busca por uma racionalização e a relação de influência. A partir disso, há alguns requisitos básicos que ele (2019, p.205) estabelece para que haja argumentação: uma proposta sobre o mundo, um sujeito que se engaje nessa proposta e um outro que seja alvo dessa argumentação. Charaudeau demonstra que há três elementos básicos presentes em toda organização argumentativa: “uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado), e uma (ou várias) asserção de passagem que permite passar de uma à outra (inferência, prova argumento) (CHARAUDEAU, 2019, p.209).

Assim, a relação de influência que o locutor estabelece é feita a partir de uma busca de racionalização e organização de suas crenças. Ele busca propagar determinado imaginário, convencendo o interlocutor a compartilhar dessas ideias. Para isso, o sujeito falante pode utilizar diversos efeitos discursivos, por exemplo sugerir uma imagem positiva de si mesmo (efeito de ethos) ou sensibilizar o interlocutor (efeito de pathos); esses são componentes de uma razão demonstrativa do modo argumentativo. Para além dessa demonstração, em última instância, a argumentação gera um efeito persuasivo; analisaremos como ele é produzido na obra.

### **PERSONAGENS BÍBLICOS: ANÁLISE RETÓRICA**

A produção de um discurso é influenciada por diversos fatores, externos e internos. Portanto, organizamos nossa análise considerando os elementos contextuais envolvidos na produção de *Personagens Bíblicos*. Iniciaremos examinando a retórica no livro, visto que ela ajuda a entender a relação que o autor estabelece com o seu auditório e a elucidar a função persuasiva da narração. Em seguida, analisaremos o modo enunciativo, que permite compreender previamente o comportamento dos participantes do discurso. Por fim, faremos a análise do modo argumentativo, com foco em "biografias" selecionados de acordo com a repetição da estrutura discursiva e o foco na defesa de valores doutrinários. Pretendemos, a partir dessas análises, compreender como os procedimentos de descrição e narração são utilizados para construir uma argumentação persuasiva, elucidando as estratégias empregadas pelo autor para fortalecer sua visão protestante.

Considerando a invenção retórica, um gênero muito comum ao discurso religioso é o epidíctico, visto que ele foca em questões éticas e em valores reconhecidos pelo público. Como



afirma Reboul (2004, p.46) “Quanto a epidíctico, recorre sobretudo a amplificação, pois os fatos são conhecidos pelo público, e cumpre ao orador dar- lhes valor”. Reboul (2004, p.46) acrescenta que, “Mais tarde, na era cristã, o gênero epidíctico será enriquecido com toda a pregação religiosa” (REBOUL, 2004, p.47). De fato, por um lado, White louva e censura atitudes de personagens da Bíblia e presume uma concordância do auditório, utilizando a primeira pessoa do plural para incluir o leitor em suas asserções:

[...] enquanto Ele senta e conversa conosco e nos mostra para essa pobre viúva, nós abrimos nossos corações para Suas palavras (WHITE, 2021, p.90); como Paulo aponta, ela cedeu a si própria. Essa, então, é a nossa primeira e fundamental lição em todas as finanças das igrejas. É a nós mesmos que devemos ceder, primeiramente; e então, depois de nós mesmos, é o nosso tempo, nosso dinheiro e o nosso trabalho. (WHITE, 2021, p.90)

Dessa forma, White busca se conectar aos leitores através da crença cristã. Ele narra os acontecimentos da Bíblia e se dirige aos interlocutores, aconselhando do ponto de vista ético o que deve ser feito ou não, como se compartilhasse com seu leitor o mesmo ponto de vista. Nessa perspectiva, é como se ele estivesse pregando em sua própria igreja, colocando o auditório em evidência. Porém, ao analisar mais detalhadamente cada "biografia", alguns fatores afastam o texto de White do gênero epidíctico, visto que o autor sobrepõe a defesa de determinadas ideias doutrinárias à narração.

Primeiramente, porque as narrativas utilizam muito a imaginação, frequentemente oferecendo uma versão dos eventos que difere da história religiosa conhecida, mas que é baseada nos valores que o autor deseja propagar. É o que se observa, por exemplo, na "biografia" sobre Nicodemos, que se inicia através de uma narração subjetiva (recriando cenas) e da suposição sobre seus sentimentos, sugerindo sua tensão em relação ao fato de não ser batizado:

Tenho certeza de que não era a primeira vez que Jesus de Nazaré e Nicodemos de Jerusalém se encontravam (WHITE, 2021, p.35); O encontro deve ter acontecido da seguinte forma (WHITE, 2021, p.35); Desde quando vira a cena de Jesus de Nazaré ser batizado por João emergindo das águas, Nicodemos não havia dormido uma noite sequer, tampouco passado um só dia sem remorso e medo” “para Nicodemos, naquela noite Jesus era... Nicodemos vacilava e ficava paralisado. (WHITE, 2021, p.36)

A partir dessa narração, o autor apresenta sua proposta ligada à doutrina protestante que ele segue, se opondo à concepção de "regeneração pelo batismo":

Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3.5). Para mim, essa é a mais extraordinária e impossível alucinação. Toda a minha

mente, imaginação, coração e consciência teriam que ser demolidos e reconstruídos novamente com uma estrutura completamente nova; toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente crer no que é chamado de 'regeneração pelo batismo'. (WHITE, 2021, p.36)

Como se observa, o autor questiona uma passagem da Bíblia para fazer essa defesa, o que está ligado ao segundo fator que o afasta do gênero epidíctico e da classificação de "biografia" proposta pelos editores: ele toma partido em assuntos controversos, fazendo uma defesa de suas ideias frente a ideias opostas. Então, White conclui pregando a salvação como dom gratuito de Deus, através da fé na obra salvadora de Jesus Cristo:

Certamente não é o bastante para custar, no fim, a perda de sua alma pensar primeiro nas suas perspectivas de vida e em como você permanecerá com esse e aquele grande homem, segundo a forma como você lança sua sorte nesse partido no estado, ou junto daquela denominação da igreja. Todo mundo faz isso. E quem, além de João, denunciaria tão feroz e desdenhosamente essas secretas afeições, com as que existem em você? Mas então, se João e Jesus denunciassem, desprezassem e lhe negassem, de que proveito seria para você ganhar tudo o que há nesse mundo? (WHITE, 2021, p.40); Felizmente, existe uma segunda lição extraída de Nicodemos [...] Reconheça e conheça Jesus Cristo, e defenda-O. (WHITE, 2021, p.40)

Segundo Perelman (2005, p. 59): “O fato de o epidíctico ser destinado a promover valores sobre os quais há concordância explica que se sinta a impressão de um abuso quando, por ocasião de um discurso assim, alguém toma posição numa matéria controversa, desvia sua argumentação para valores contestados”. Desse modo, ao tomar partido em assuntos conflituosos, o orador coloca em evidência esse debate, em vez da narração em si: “O discurso epidíctico – e toda a educação – visam menos a uma mudança nas crenças do que a um aumento da adesão ao que já é aceito” (PERELMAN, 2005, p.59).

Assim, o texto de White demonstra as características não do epidíctico, mas sim do gênero judiciário. Ele toma partido em questões específicas e controversas. White confronta e acusa o leitor em alguns momentos, incentivando uma adesão a sua narrativa. Esse esforço demonstra a tentativa de modificar as crenças do leitor: “Se aqueles que sabem do pecado de Pedro quiserem respondê-lo, que façam. Agora, é uma questão pequena para Pedro ser julgado pelos homens” (WHITE, 2021, p.47). White busca acusar/defender valores conforme o que ele considera justo/ injusto, enquanto interpretação bíblica. Seu "auditório" é especializado, porque ele utiliza procedimentos de convencimento, que serão mais bem explorados na análise argumentativa. Embora presuma que seus leitores sejam cristãos, ele não presume que reconheçam suas ideias doutrinárias.

A disposição retórica está presente na estrutura das "biografias" dos personagens bíblicos. Há o "exórdio", uma etapa de aproximação com o leitor através dos preceitos cristãos. Há também uma etapa de "narração" dos acontecimentos na vida dos personagens. Em seguida, uma etapa de "confirmação", onde o autor busca argumentar sobre os valores que defende, além de refutar possíveis objeções. Finalmente, White conclui com a "peroração", recapitulando as ideias defendidas.

Quanto à elocução, do ponto de vista retórico, White apresenta procedimentos de *pathos* e *ethos*, mas constrói o discurso focando, racionalmente, em ser convincente, ou seja, pautado pelo *logos*. O autor busca amparar a credibilidade de sua narração impondo um *ethos* de autoridade religiosa. Os procedimentos de *pathos* são observados, por exemplo, em momentos em que ele se conecta com o leitor através da crença cristã. Quanto ao *logos*, podemos examinar melhor através da estrutura argumentativa que será analisada.

## **DA RETÓRICA À ARGUMENTAÇÃO**

Para a análise semiolinguística, vamos investigar, primeiramente, o modo enunciativo. A princípio, o termo "biografia" dos personagens bíblicos poderia sugerir que quase a totalidade do texto fosse enunciado a partir do modo delocutivo, contando as histórias dos personagens de maneira objetiva. No entanto, se observa que a narração de tais histórias são modificadas com a imaginação, de modo que na maioria das vezes não há de fato um apagamento do ponto de vista. Além disso, há muita utilização do elocutivo e alocutivo, que revelam uma construção argumentativa. A modalidade delocutiva também é utilizada para narrar histórias da vida do próprio autor, como maneira de reforçar as ideias defendidas. A disposição dessas modalidades enunciativas em cada capítulo demonstra uma construção retórica e argumentativa em torno de uma tese, com uma utilização maior do modo delocutivo para narrar os acontecimentos bíblicos no início do capítulo e, da metade para o final, se intercalam principalmente o modo elocutivo e alocutivo.

De acordo com o tema proposto, nosso foco é entender como White utiliza o delocutivo para narrar os acontecimentos, com estruturas que correspondem ao modo elocutivo. Charaudeau (2019, p.100) afirma que, no delocutivo, "A Modalidade de 'asserção' se desdobra em diversos tipos ('Evidência', 'probabilidade', etc) que correspondem, ponto por ponto, à maior parte das modalidades do ELOCUTIVO". Embora White cite diretamente as passagens bíblicas em alguns momentos, em outros ele preenche essa narração com a imaginação sobre como a história teria acontecido e como os personagens teriam se sentiram, correspondendo a

modalidade de "opinião" do elocutivo, com construções de evidência – "É evidente que..." – e de probabilidade – "é provável que...".

Esses usos do delocutivo coincidem com o procedimento discursivo argumentativo de descrição narrativa, no qual, segundo Charaudeau (2019, p.239), "é descrito um fato, ou contada uma história, para reforçar uma prova ou para produzi-la". O uso desse procedimento não é utilizado apenas com histórias da Bíblia, mas também com histórias que o autor conta de sua própria vida; exemplificaremos ambos os casos. Assim, para realizar a análise desse procedimento na construção argumentativa, iremos descrever a proposta que o autor apresenta em cada biografia analisada e como ela se desenvolve, utilizando a descrição narrativa como "prova".

### **Primeiro exemplo: biografia LXXIV Nicodemos**

Como constatamos, na biografia de Nicodemos (WHITE, 2021, p.35-40), White busca contrapor a ideia de "regeneração pelo batismo", propondo a salvação através da fé na obra salvadora de Jesus Cristo. Ou seja, ele reforça a ideia protestante de salvação como dom gratuito de Deus. Não obstante, o modo que ele faz isso pode apresentar algumas controvérsias entre o público cristão, por questionar diretamente uma passagem da Bíblia. White inicia o capítulo com a apresentação de Nicodemos, através de uma descrição narrativa subjetiva e da suposição sobre seus sentimentos, sugerindo sua tensão em relação ao fato de não ser batizado:

Desde quando vira a cena de Jesus de Nazaré ser batizado por João emergindo das águas, Nicodemos não havia dormido uma noite sequer, tampouco passado um só dia sem remorso e medo (WHITE, 2021, p.36); para Nicodemos, naquela noite Jesus era... Nicodemos vacilava e ficava paralisado. (WHITE, 2021, p.36)

Tal narração constitui um argumento da asserção de passagem, que acontece antes da sua asserção de partida, no trecho que citamos em que ele contrapõe a passagem de "Jo 3.5" sobre regeneração pelo batismo, utilizando, em seguida, um procedimento argumentativo por falsa tautologia: "Não! Não existe esse tipo de coisa. Quem quer que diga isso, de forma erudita e solene, creiam em mim, não existe esse tipo de coisa" (WHITE, 2021, p.36). Segundo Charaudeau (2019, p.241): "esse procedimento é, de alguma forma, uma recusa em argumentar, pois o que se faz, no caso, é impor uma evidência ou uma autenticidade que tem valor de verdade".

Há, a seguir, outra asserção de passagem que foca em julgar a falta de coragem de Nicodemos através de suas narrações. Segundo sua opinião, se Nicodemos tivesse sido

corajoso, seria uma prova contrária à ideia de regeneração pelo batismo. É possível ver uma síntese dessa construção argumentativa na passagem:

E, se Nicodemos tivesse apenas sido corajoso o suficiente, se tivesse apenas tido a bravura necessária para uma boa causa, tivesse ele apenas entrado nas águas do Jordão ao lado de Jesus de Nazaré, ele seria até agora contado ao lado de Pedro, Tiago e João como um dos apóstolos do Cristo. E teríamos uma epístola de Nicodemos aos Fariseus, e nela estaria a saída para toda essa conversação sobre como é impossível qualquer homem pregar a regeneração a partir da água. (WHITE, 2021, p.36-37)

Por fim, como asserção de chegada, White apresenta sua opinião sobre uma proposta alternativa de salvação. Como citado anteriormente, ele diz que certas "afeições secretas", como a tomada de partido no estado, ou em diferentes denominações da igreja, não custariam a perda da alma, porque "todo mundo faz isso". Então, ele conclui dizendo que, para a salvação, basta reconhecer e conhecer Jesus Cristo. Desse modo, observamos que através da descrição narrativa subjetiva, ele busca, de modo argumentativo, alinhar os sentimentos que ele imagina sobre Nicodemos com a ideia que ele defende no final da "biografia".

### **Segundo exemplo: LXXX A mulher que sangrava**

White inicia o capítulo com a apresentação da "mulher que sangrava" com uma descrição narrativa, contextualizando a aparição dela na Bíblia: ela tinha uma doença e estava desesperada. Em seguida, ele faz um relato de sua própria vida, dizendo que também adoeceu "ela se deparava com o absoluto desespero. E eu também. Eu não estou morto, mas frequentemente desejei estar. Pois eu também, durante toda a minha vida, adoeci a ponto de estar à beira da morte" (WHITE, 2021, p.69). Em sua narrativa, ele faz uma associação de seu momento de desespero com o pecado, e cita Lutero:

E, na noite de hoje, estou pior do que nunca. Estou em apuros entre duas coisas. Amo meu trabalho mais do que nunca. Amo minha família mais do que nunca. Nenhum homem amou mais sua família que Martinho Lutero, mas, a todo momento, ele dizia aos ouvintes que tinham intelecto e coração suficientes para compreendê-lo que ele não possuía verdadeiro deleite em seus filhos por causa de seu pecado. E, quanto a isso, sou exatamente como Lutero. (WHITE, 2021, p.69)

Tal contextualização é anterior à asserção de partida que introduz a proposta defendida pelo autor. Ele introduz essa asserção dizendo que Jesus curou a mulher que sangrava, mas opina que ele não a curou do pecado:

Ele havia curado a mulher do seu sangramento, mas não de todos os seus pecados durante sua remanescente existência. Podem ter certeza de que, em todos os seus dias ela não estava nem um pouco melhor em seus pecados, estando na verdade pior.

Nenhum dos três evangelistas diz isso, mas é tão verdadeiro quanto seria se eles tivessem dito isso com as mesmas palavras. (WHITE, 2021, p.70)

Neste trecho o autor utiliza, mais uma vez, o procedimento de acumulação por falsa tautologia, afirmando que é “verdadeiro” sem fornecer explicações. Como se observa, esse tipo de argumento reforça a elocução retórica de amparar a credibilidade de sua narração impondo um *ethos* de autoridade religiosa. Além disso, ele reforça tal afirmação a partir de uma descrição do pecado: "Oh. A malícia do pecado! Oh, o peso, a profundidade, o apego e a absoluta incurabilidade do pecado!" (WHITE, 2021, p.70). Então, White continua o parágrafo com uma frase adversativa, que representa a asserção de chegada:

Apenas não nos desesperemos com isso tudo. Nós não devemos retroceder. Não devemos desistir. Mesmo que seja incurável, não devemos dizer isso. embora seja, que não o digamos nem mesmo em nosso interior. Que possamos ser como a mulher que sangra. Nesta noite, estenda sua mão e toque o cristo. (WHITE, 2021, p.70)

Assim, ele propõe novamente a salvação enquanto dom gratuito e faz menção a ideia de individualidade religiosa: "creia n'Ele e nas Suas vestes. Continuem acreditando e orando mesmo que ninguém saiba" (WHITE, 2021, p.71); "Dê asas à sua imaginação e pense nisso: todos os pecados para sempre eliminados! Pensem nisso! " (WHITE, 2021, p.73).

Tendo em vista os trechos analisados, percebemos que White propõe uma defesa da relação individual com o pecado desde o início. Este é o foco desse capítulo, mais do que a narração em si. Nesse sentido, seu relato pessoal e a subjetividade na narração da história da "mulher que sangrava" são argumentos construídos em prol de sua proposta.

### **Terceiro exemplo: XCI Ananias e Safira**

Na "biografia" de Ananias e Safira, o "dízimo" – tributo pago à igreja pelos seus fiéis – é abordado e White o relaciona com a prosperidade individual. Este é outro tema característico da vertente religiosa do autor e está presente no neopentecostalismo, uma ramificação mais recente do protestantismo que enfatiza a prosperidade material. Porém, antes de introduzir essa proposta, o autor repete a estrutura discursiva dos outros exemplos. Ou seja, ele inicia o capítulo com uma "descrição narrativa", que exerce a função de "asserção de passagem", já que é um argumento para as asserções que ele apresenta posteriormente:

Mas Pedro foi um Sansão perfeito em Israel naquele dia. Ele era um ministro de imensa capacidade, energia gigantesca, recursos infinitos e autoridade avassaladora. E assim foi que coube a Pedro sentar-se contra o tesouro e fazer as contribuições pentecostais naquele dia. E isso atingiu Ananias como um raio, quando Pedro, em vez de sorrir para ele e elogiá-lo, o denunciou e sentenciou com tanta severidade.

"Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade?" (At 5.3). E os jovens se levantaram, e o feriram, e o levaram para fora e sepultaram. E então, três horas depois, quando Pedro estava fechando os livros para ir dispensar a Ceia do Senhor, naquele momento Safira apareceu. "Você vendeu sua fazenda por tanto, seu marido me disse?". "Sim, meu senhor, por tanto". E os jovens entraram e a encontraram morta. (WHITE, 2021, p.144)

Nesse trecho, White cita uma passagem da Bíblia, mas preenche o restante da "cena" com a imaginação, visto que os diálogos não referenciados e o motivo da morte dos personagens descritos não estão presentes nas passagens bíblicas. Esses acréscimos subjetivos adicionam um efeito de *páthos* à narração, que é utilizado para reforçar a proposta que ele apresenta posteriormente:

E agora, vamos nos voltar para nós mesmos. Como todos vocês sabem, temos uma instituição em plena operação na igreja Livre da Escócia que é baseada, construída e trabalhada exatamente nos princípios Pentecostais e de Barnabé. A concepção do doutor Chalmers do fundo de sustentação foi derivada e desenvolvida a partir do espírito e do exemplo da Igreja Apostólica de Jerusalém. (WHITE, 2021, p.147)

Após explicar o exemplo da Igreja Apostólica de Jerusalém, White (2021, p.147-148) conclui: "'Fazei prova de mim nisto' (MI 3.10), disse o Senhor. E Ele prometeu que quando O provarmos com nossos dízimos, todo tipo de prosperidade seguirá nossa prática dessa regra e padrão bíblico". Como se observa, o autor utiliza esse capítulo para falar mais diretamente da sua igreja, apresentando essa asserção de partida. Ele aborda a temática do dízimo e especifica o tipo de relação particular que ele teria com a prosperidade. Ele enfatiza e detalha essa relação e a função argumentativa de sua narrativa em uma asserção de chegada:

[...] o dízimo, a décima parte, preenche toda a literatura clássica, bem como toda a Sagrada Escritura. E ainda, com tudo isso diante de nossos olhos, tão claro quanto pode ser, aqui estamos nós, a esta hora do dia, tropeçando e contando mentiras, muitos de nós como Ananias e Safira, sem qualquer método, princípio ou regra em nossas ofertas, não mais do que a Escritura nunca tivesse falado sobre este assunto ou como se uma regra de amor e bom senso nunca tivesse sido estabelecida. Até que acordemos e tomemos de forma patriarcal, mosaica, profética, apostólica e até pagã de tributar a nossa renda e reservemos uma parte definitiva e liberal dela para a igreja e a caridade, nunca precisaremos esperar herdar as promessas. (WHITE, 2021, p.148)

A conclusão apresentada por White é pragmática: seu discurso opera em um modo de raciocínio de dedução condicional. De acordo com Charaudeau (2019, p.215), "A dedução condicional se baseia nos modos de encadeamento *Consequência e Conjunção* (Se... então, e), com as asserções da ordem do *narrativo*, do *qualificativo* ou da *posse*; o vínculo modal pode pertencer ao eixo do *Possível* ou do *Necessário*, e tem o escopo da *Hipótese*". Desse modo, White sugere que "se" os fiéis pagarem o dízimo do modo especificado, "então" é possível

herdar as promessas. Contudo, há um vínculo modal no eixo do "Possível", com o escopo da "Hipótese", visto que é uma conclusão pautada nas opiniões pessoais do autor.

A "biografia" de "Ananias e Safira", assim como as outras duas apresentadas, introduzem as propostas de White a partir de uma estrutura bem delimitada, que se repete ao longo do livro. O autor apresenta os três tipos de asserções (de partida, de passagem e de chegada) características do modo argumentativo. A sequência não é linear, visto que a "asserção e partida" não aparece no início. Não obstante, a análise demonstra que sua narração é um procedimento argumentativo, utilizado para pautar a defesa da doutrina religiosa de White.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, observamos que o livro *Personagens Bíblicos-Novo Testamento*, escrito pelo autor protestante Alexander White, apresenta procedimentos narrativos para relatar a história de diferentes personagens da Bíblia e, ao mesmo tempo, evidencia determinados valores que estariam relacionados a essas histórias e que, portanto, deveriam ser aceitos por um público religioso. O autor guia seus leitores como se estivesse pregando em sua própria congregação, apresentando lições de moral com o objetivo de que sejam aceitas por aqueles que creem em Cristo e na autoridade religiosa do autor. Não obstante, observando o seu discurso, percebemos a existência de procedimentos que demonstram um esforço argumentativo de defesa de valores doutrinários específicos, de modo que a narração dos personagens da Bíblia se insere dentro de um quadro argumentativo.

A partir da análise discursiva, percebemos que, em *Personagens Bíblicos*, há um foco nessa lógica argumentativa. Nos capítulos analisados, observamos várias características desse modo de organização do discurso (proposta sobre o mundo; asserções de partida, passagem e chegada; procedimentos discursivos...). Nesse sentido, o autor apresenta uma proposta em relação a determinados valores religiosos específicos da doutrina protestante e utiliza, dentre outros procedimentos, a "descrição narrativa" como um dos argumentos.

O foco argumentativo de White desvia sua escrita da classificação de "biografia" proposta pelos editores. Essa percepção desvela para o leitor a função persuasiva de seu texto, bem como demonstra que as marcas de subjetivismo em suas narrações têm uma função argumentativa, vinculada a uma proposta ética ligada a valores pessoais do autor. Por um lado, o discurso de White sugere que a interpretação apresentada tem valor de "verdade", como se



fosse "a" interpretação natural da história dos personagens bíblicos. No entanto, a análise discursiva mostra que se trata de uma defesa argumentativa e retórica de valores doutrinários específicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A retórica antiga**. In: COHEN, Jean et al. Pesquisas de retórica. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso**. São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, Sérgio Roberto **Dicionário de gêneros textuais**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2008. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2024.

KIBUUKA, Brian. **Alexander White: uma vida dedicada ao estudo da Bíblia, à pregação do evangelho e à educação**. In: WHITE, Alexander. Personagens bíblicos: novo testamento. Vol. 2. Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021a.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Edições Loyola, 1990.

PERELMAN, Chaim. TYTECA, Lucie Olbrechts. O. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WHITE, Alexander. **Personagens bíblicos: novo testamento**. Vol. 2. Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021b.